

RESUMO

Este trabalho alude a formação do docente e sua postura dentro e fora da sala de aula, permeando pelas contingências que o cerca na identificação do indivíduo e a educação. As estratégias didáticas que envolvem a fusão docente e discente dentro do contexto social que predomina nesse universo, referenciando a hierarquia sem maximizar o status do docente e seu potencial diante dos demais, o contrário também é pertinente e deverá ser observado com muito cuidado. Salientar que o profissional da educação do ensino superior nem sempre está preparado para gerir uma sala. Identificar esse fenômeno dentro de si é contribuir diretamente para o autoconhecimento e despertar o interesse pelo outro. É aguçar o sentido perceptivo e dar a oportunidade do desenvolvimento coletivo criando meios para que o aprendizado seja único como cada indivíduo.

Palavras- Chave: Docente, Estratégias Didáticas, Desenvolvimento dos Saberes.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, a educação sofre com o descaso e a minimização da sua importância, e a evolução do ensino nas terras tupiniquins se dá principalmente pela história política do país.

A busca pelo descobrimento do ser como indivíduo único, desperta o senso de investigação pela inteligência cognitiva, pelo homem desde os primeiros passos nas instituições educacionais, a ruptura com a instituição de base e a ascensão ao ensino profissional superior, alumbra para o pedagógico o olhar de vários estudiosos interessados pela matéria, o aprendizado e aplicação de novas ferramentas no aprendizado, tende desanuviar o obscuro que habita nas sendas da educação enquanto educação e do homem como ser evolutivo e mutante.

Nesse contexto não só a pedagogia mas tudo o que a envolve passa a ser observado, trazendo para a contemporaneidade comportamentos e deficiências que em tempos não muito remotos ainda eram desconhecidos ou tratados como taboo.

Essa trajetória, acumula sobre o docente uma carga de responsabilidade moral e profissional que transcende o limiar do ser e do humano pela busca do saber.

Suprir as necessidades de aprendizado do discente e fazer com que esse retenha o conhecimento aplicado dentro da sala de aula, é viver o viés da verdadeira educação, reverenciar a ciência e desvencilhar da influência política o ensino.

Neste sentido relata Morosini (2000) que: Encontramos exercendo a docência universitária, professores com formação didática obtida em cursos de licenciatura; outros, que trazem sua experiência profissional para a sala de aula; e, outros ainda, sem experiência profissional ou didática, oriundos de curso de especialização e/ou *stricto sensu*. O fator definidor da seleção de professores, até então, era a competência científica (p.11). (14/11/2016)

Salientado que o processo de aprendizado é continuado e mutável, o docente do ensino superior muitas vezes é avaliado pela titularidade que possui, não bastante a especialização

“*Latos sensu*” mas o “*Stricto sensu*” como preponderante consola na seleção do professor para o egresso na instituição e sala de aula.

Contudo o contrário vem nos imprimir a globalização das informações, isso implica na mecanização do profissional do ensino superior, ratificando a ineficiência do aprendizado.

Tendo em consideração o ser humano como sensível e ambicioso, dotado de vontades e anseios, faz remeter o estudo ao que frustra e impede a realização pessoal, o vocacional é parte contundente na escolha das áreas a serem trabalhadas, é possível dizer que a injusta aceleração da tecnologia priva o profissional de estudos mais aprofundados, haja visto o sem fim de opiniões e artigos que se apresentam nos veículos de comunicação. Para que a opinião de um profissional da educação sobre um determinado tema expresse sua identidade, são necessários anos de dedicação a estudos que por fim parecerão plágio diante das várias observações apresentadas que inexoravelmente o reduzirão à mesmice dos demais artigos, de outra feita a satisfação silenciosa da pesquisa solitária é um alento.

Sem um pilar contextualizado, experimentado e firme no seu propósito, o óbice na trajetória dos docentes se faz constante, pois em sua maioria estes não associam a literatura a prática para que o conhecimento e o saber cheguem aos indivíduos, de maneira contundente e eficaz, isso força o professor no dilatar da retina enxergar possibilidades onde nada mais há que conjecturas e suposições.

Dissociar da educação a prática é anular fazes importantes do conhecimento, a opção pelo aprendizado em uma área pré-determinada pelo aluno, implica não só na empatia pela profissão mas também pela experiência que o mesmo acumula na sua vivência laboral. “A sociedade do conhecimento é uma sociedade de aprendizagem” (Hargreaves, 2004, p.34). (15/11/2016).

Contemplar isso é ratificar o ensino no universo das salas de aula e sua grande biblioteca, o indivíduo. Referenciando esse fato, a educação é muito maior que um ofício é possível e apropriado dizer que é um dogma. Ocultar o algoz que habita em cada um é preponderantemente essencial, é cabido salientar que a autodefesa nos remete a isso, o senso crítico que muitas vezes aguça a realidade da pequenez do indivíduo enquanto sociedade no desenvolvimento dos saberes, guinda esse mesmo indivíduo ao embate interior pela afirmação do certo e errado, a consolidação das convicções pelo aprendizado unilateral resiste ao novo quando colocado em mesma base, abrindo vertentes que de maneira natural dissemina divergências de opiniões, alicerçando ainda mais a individualidade e a visão de cada um dos combatentes pela sua capacidade de interpretação em defesa do apreendido.

...ensinar na sociedade do conhecimento, e para ela, está relacionado com a aprendizagem cognitiva sofisticada, com um repertório crescente e inconstante de práticas de ensino informadas por pesquisas, aprendizagem e auto acompanhamento profissional contínuo, o trabalho coletivo... desenvolvimento e utilização da inteligência coletiva e cultivo de uma profissão que valorize a solução de problemas, a disposição para o risco, a confiança profissional, lidar com a mudança e se comprometer com a melhoria permanente” (HARGREAVES, 2004: 45) (15/11/2016).

Segue por esse caminho o educador do ensino superior com um sem fim de incertezas e conflitos.

A autocondenação é concebida pelo acelerado mundo em que vivemos, as informações são renovadas a todo momento, e se fazem e desfazem num turbilhão de contextos e conjecturas, mais ou menos embasadas.

Almejar resultados para um determinado tema, é disponibilizar se de maneira incondicional ao estudo das mais diversas opiniões.

Oprimido pelo condicionamento imposto a mais de um tema e com carga horária flutuante, decorrente do labor muitas vezes em mais de uma instituição, o docente não tem como se comprometer diretamente com uma especificidade e divaga de maneira rasa e claudicante sobre os assuntos que o cercam dentro da sala de aula.

São demasiados os conflitos e contingências que fazem do educador de ensino superior um eterno buscador de sua identidade, ancorado a ferramentas que tendem a diminuir suas experiências, o profissional atribui o desenvolvimento de suas aulas em consonância ao ritmo imposto pelos meios de comunicação tendo como pendão o discente, que sustentado pela tecnologia muito pouco usa sua inteligência cognitiva, isso se dá pelo encontrar a coisa pronta. Assim o educador deixa de ser educador e passa a assumir a postura de mediador da educação, nessa vertente o mediador passa a ser mero coadjuvante, um elo frágil de ligação entre conteúdo e aluno, elaborar uma aula passa a ser tão somente identificar um tema, filtrar a partir de, e deixar o divagar dos discentes.

Na contramão dessa rasa definição, o docente se depara em situação de aprisionamento dentro do tema anteposto por ele e assim se estabelece o caos, a vivência prática do indivíduo aprendiz aliada ao derrame de informações que chegam pelos meios de pesquisas tecnológicas, sobrepujam ao simples literário, apontando caminhos que vão além do exprimido na literatura.

O estudo científico tangencia as discussões, estimula a busca e abre a visão crítica sobre as leituras e autores que se opõem aos temas, ou mesmo aos que apoiam.

Possibilita “[...] um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto.” (1994, apud LIMA; MIOTO, 2007, p. 40). (16/11/2016).

O abismo que separa a experiência prática e o conhecimento teórico, é o momento em que o mediador do saber passa externar o que a literatura não traduz em suas folhas, contingências, fator humano, o ambiente como um todo, são inerentes, fundamentalizam diretamente seus objetivos e resultados, criando para o docente uma oportunidade de associar os saberes e desenvolver novas estratégias de didática, explorar o improvisado é enriquecer o conteúdo criando parâmetros e chamando à lide os demais membros.

Outorgar uma sala para ser gerida por um profissional de formação técnica de alto padrão que esteja comprometido com o estudo científico da área em que atua, é sinônimo de qualidade de

ensino, as titularidades associadas ao labor, habilitam esse indivíduo a discorrer de maneira ampla sobre os temas que abrangem em sua qualificação técnica, o dia a dia laboral dentro do tema é o que traz maior contundência para a didática e não somente o saber pelo saber.

O conhecimento e domínio do mediador do saber sobre a matéria ou assunto dentro e fora das formalidades científicas, a postura do profissional e o regimento interno da instituição, o estímulo ao aprendizado, a boa integração entre docentes e discentes, bem como o aluno na instituição e a sua infraestrutura, promovendo o bem estar, proporcionando tranquilidade e acesso fácil ao material didático para pesquisa, são pontos básicos a serem considerados para avaliação na qualidade da instituição para a promoção do ensino superior.

[...] o aumento significativo do número de matrículas nesse nível de ensino [superior], especificamente a partir da década de 90, tem se verificado, no cenário mundial majoritariamente em instituições privadas, nem sempre em condições adequadas ao oferecimento de uma educação de qualidade. Soares e Cunha (2010, p. 579) (09/11/2016).

É propício dizer que o paradoxo que culmina entre as instituições de ensino superior e o ensino, lutam dentro do mesmo ambiente por questões contrárias, de um lado o cliente discente e do outro o aluno e seus sonhos.

Na amplitude desse tema, o aluno vem procurando juntamente com as facilidades que tratam da questão dos financiamentos estudantis o acesso nessas instituições. Vislumbrando um mundo melhor de satisfações principalmente financeiras. A banalização do acesso às instituições vem causando congestionamento dentro das salas de aula o que na maioria das vezes desliga o professor do aluno e a máquina discursiva entra em cena atropelando os questionamentos e tangendo o ensino de maneira robótica, o sim pelo sim e o não pelo não. Assim colocar novos formadores de opiniões no mercado é um fator de extrema complexidade, e nos faz retroceder à (LDB) Lei de Diretrizes e Base da Educação 9.394 / 1996 que não é contundente quanto ao educador do ensino superior e sua qualificação, o que se faz bem determinado na mesma lei para a educação de base. Como ter qualidade sem determinar a qualificação? Como suprir anseios se não há cunho jurídico? Essas questões passam a ser vazias quando Stallivieri afirma que, “As universidades trabalham como uma espécie de corretor das desigualdades, onde tem como objetivo formar cidadãos conscientes de sua importância e do seu compromisso social” (STALLIVIERI, 2011). (10/11/2016).

Diante desse cenário a cultura do culto oprime o autodidata trazendo enorme prejuízo para o desenvolvimento prático literário, pois a associação das vertentes possibilitam o aprofundamento das pesquisas científicas de modo a minimizar as frustrações do ensino pela literatura.

Há demandas em favor de experiências (estágios) no decorrer de alguns cursos, isso para que o aluno possa experimentar na prática de maneira muito superficial os ensinamentos aludidos dentro da sala de aula, que nada trazem de conclusivo para o discente, colocando em cheque muitas vezes, as competências por ele estudadas. Viver a realidade fora da sala de aula e ter que se adaptar é a contramão de tudo que se pleiteia dentro de uma instituição de ensino, o estagiário normalmente é acompanhado por um auxiliar com alguma experiência das rotinas, e que avalia o estagiário dando-lhe uma nota qualificatória. Ao final resultará na conclusão do

estágio e a aprovação ou não do aluno, mais uma vez o paradoxo, pois há que se ter muita qualificação dentro das instituições, mas não se exige a mesma qualificação para os estágios.

Em exame feito pelo (Cremesp) Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, foram reprovados 54,5% dos inscritos (portal G1), na prova aplicada no primeiro semestre do ano de 2012, 40% dos bacharéis e 31% foram aprovados, ou seja, menos da metade. (16/11/2016).

Na rota do saber, encontramos nas instituições de ensino a precariedade da estrutura, o escape para uma vida melhor, colocando no mercado a cada dia novos formadores de opiniões, conduzidos pela literatura científica e pela falta do conhecer (Valor Econômico) (16/11/2016).

[...] toda situação de aprendizagem... pode ser analisada a partir de três componentes básicos: os resultados da aprendizagem, também chamados conteúdos, que consistiriam no que se aprende, ou o que muda como consequência da aprendizagem; os processos da aprendizagem, ou como se produzem essas mudanças; e as condições de aprendizagem, ou o tipo de prática que ocorre para pôr em marcha esses processos de aprendizagem. (POZO, 2002, p. 67-68). (13/11/2016).

As contingências permanecem ao passo que as avaliações dos docentes e discentes são igualmente rasas, isso aliado ao corporativismo das instituições que protegem o profissional (conselhos), levam para o mundo real, fora das contextualizações tão necessárias dentro das instituições o profissional supostamente apto para o labor. O mesmo profissional que trata, que ensina que é titulado, o mesmo profissional que na prática tem a literatura e título por amparo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o foco em uma vida financeira melhor, a cada dia as instituições vem aumentando seu efetivo de discentes, visando uma lucratividade maior, isso aliado a uma infraestrutura menos direcionada ao docente, “pois quanto mais melhor” o foco passa a ser o espaço físico, a infraestrutura se dá pela disponibilização da internet dentro da instituição e a temática é a que o docente se propõem, dentro do contexto e especificidades dos órgãos de ensino e suas grades curriculares.

Nessa direção e com muito pouco a contestar e contextualizar, os docentes passam a mediar o que já vem pronto dos canais de informações que saem de fontes diversas sejam contundentes ou não, atuando muito mais como um filtro o docente vive a inexpressividade dentro do conceito, deixa de ser pensante para só ser.

Assim a má formação do profissional é o ponto nevrálgico que vivemos hoje, pois passa a se viver e apreender de fato fora das instituições, com um certificado de conclusão de um curso que muitas vezes não o habilita para tanto, fazendo dos que atravessam seu caminho, um grande laboratório de experimentos práticos, sem saber ao certo qual será o resultado ou as consequências da sua atuação.

Vivendo o cume da incompetência do ensino, com o suporte dos órgãos reguladores, a incapacidade da maioria dos profissionais que hoje se laçam no mercado não pela qualidade, mas pela qualificação, ratifica se a posição de mero expectador aquele que atravessa o caminho

do recém habilitado e formado o discente.” O saber não se baseia meramente no saber, o saber se concretiza no externar.” (Klaus Möllendorff).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, observou-se que a conquista do nível superior e suas especializações não são contundentes em sua maioria, a visão das contingências, podem ser consideradas como um fator que influencia no diagnóstico da baixa qualidade do aprendizado, relacionados a literatura, as patentes técnicas, e a falta de experiência mais contundente, aliadas ao apoio dos conselhos, que mesmo atuando como órgãos reguladores e fiscalizadores, incentivam o egresso desses profissionais no mercado de trabalho. Dessa feita os formandos continuam aprendizes fazendo dos cotidianos uma nova sala de aula. Com o objetivo de buscar mais esclarecimentos sobre fenômenos que muitas vezes foram desconsiderados, justamente por não fazer parte do conhecimento da maioria dos educadores.

Desta forma, recomenda-se testes mais apurados e uma fiscalização mais eficaz no decorrer dos cursos de maneira a reter estes técnicos para vida laboral. A reestruturação dos órgãos reguladores e os conceitos que qualificam o docente para o egresso na instituição de ensino e salas de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/viewFile/985/1044>

portal G1 (G1.clobo.com/educação/noticia/2014/01)

Revista Valor Econômico, (www.valor.com.br/carreira/2839130)

http://www.uniso.br/publicacoes/anais_eletronicos/2014/1_es_formacao_de_professores/31.pdf

<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/II%20Jornada%20de%20Didatica%20e%20I%20Seminar%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD%20-%20Docencia%20na%20educacao%20Superior%20caminhos%20para%20uma%20praxis%20transformadora/DOCENCIA%20UNIVERSITARIA%20DESAFIOS%20E%20POSSIBILIDADES.pdf>